

André Franco Montoro, nascido a 14 de julho de 1916, faleceu à 1h30 de sexta-feira, 16 de julho, vítima de parada cardíaca. Casado com Lucy Pestana Silva Franco Montoro, teve sete filhos: Maria Lúcia, André Filho, Eugênio Augusto, Paulo Guilherme, José Ricardo, Mônica e Fernando.

Ficamos Órfãos

O coração de Franco Montoro falhou pouco antes de seu embarque para mais uma missão: desta vez, na Cidade do México, ele alertaria para a ameaça de um colapso global provocado pela especulação financeira, que em minutos é capaz de abalar a economia de nações inteiras e destruir o trabalho de milhões de homens e mulheres; defenderia a criação de normas disciplinadoras das relações econômicas internacionais, vendo no Direito, como sempre, o grande instrumento de defesa da civilização e do desenvolvimento humano diante dos poderosos opressores. “Morreu lutando”, emocionou-se o presidente Fernando Henrique Cardoso, que dois dias antes da morte telefonou para o ex-governador, a fim de cumprimentá-lo pelo aniversário de 83 anos.

Montoro será sempre lembrado como o principal responsável pela democratização do país, ao protagonizar o movimento das “Diretas-Já” e organizar o gigantesco comício da Praça da Sé, reunindo mais de 1 milhão de pessoas em abril de 1984. Mas ele defendia incontáveis bandeiras, todas envolvendo questões sociais e tendo como premissa a educação. Há três meses (no dia 26 de abril), quando esteve pela última vez na Unicamp, como presidente de honra do Seminário sobre Mercosul, reiterou sua proposta de criação de um “parlamento universitário”, que colaboraria com os governos na busca de mecanismos para promover o desenvolvimento integrado da América Latina.

Em maio de 87 Montoro recebeu da Unicamp o título de *Doutor Honoris Causa*, concedido apenas a quem contribuiu de maneira notável com as ciências, letras ou artes e prestou serviços relevantes à Universidade. Homenagem pouca para quem, ao assumir como governador do Estado e se dar conta do estrago provocado no ensino por seu antecessor, tratou rapidamente de priorizar o setor - apesar da penúria nos cofres públicos -, injetando recursos na rede básica, institutos de pesquisa e universidades paulistas. Repassando a História, será difícil encontrar outro governante que tenha se preocupado tanto e efetivamente com a educação.

No meio político Montoro deixa um vácuo impossível de preencher.

Ocupou todos os cargos eletivos, de vereador a senador, menos o de presidente da República - assim mesmo porque abriu mão de sua candidatura natural ao colégio eleitoral, em prol de Tancredo Neves. Com a sabedoria e paciência dos mais humildes e íntegros, cumpriu décadas de mandato sem que lhe atribuísem a menor mácula, em um país onde política virou sinônimo de falsidade e corrupção. Esse notável homem público, de qualquer forma, deixa como legado à política brasileira, além de seu próprio exemplo, lideranças que colocou no cenário nacional, várias delas saídas da Unicamp.

Para o meio acadêmico, a perda deste professor talvez seja ainda mais irreparável. Como pensador, dele herdamos uma profunda e vasta obra, que nos ensina desde alternativas comunitárias para o desenvolvimento, direitos do cidadão e lutas sociais, até os conceitos mais lúcidos sobre de-



mocracia e prioridades para a integração entre os povos.

Contudo, enquanto pensador sempre capaz de extrapolar o campo das idéias para alcançar a prática, transformando ideais em projetos viáveis, Montoro nos deixa órfãos. Quem vai nos ensinar, agora, a realizar nossos sonhos?

VIDA POLÍTICA

- Vereador pela Câmara Municipal de São Paulo (1950-52)
- Deputado estadual (1955-59); presidente da Assembléia Legislativa entre 1955 e 1956
- Ministro do Trabalho e Previdência Social (1961-62)
- Presidente nacional do PDC em 1965
- Deputado federal por três eleições consecutivas (1959-63, 1963-67, 1967-71)
- Primeiro vice-presidente nacional do MDB, de 1966 a 1968
- Senador por duas eleições consecutivas (1971-79, 1979-83)
- Membro da Executiva Nacional do PMDB entre 1968 e 1988
- Governador de São Paulo (1983-88)
- Fundador e presidente nacional do PSDB entre 1989 e 1992
- Deputado federal (1995-99)
- Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara de 1996 a 1997
- Membro do Conselho da República (1997)
- Deputado federal reeleito (1998)

A obra que herdamos de Montoro

André Franco Montoro foi um dos nomes mais representativos da cultura e da vida pública brasileira.

Professor da Universidade de S. Paulo, da Universidade Católica de S. Paulo e da Universidade de Brasília, proferiu conferências e cursos nas Universidades de Roma, Paris, Bruxelas, Washington, Fordham, Notre-Dame, Buenos Aires, México e em quase todas as capitais da América Latina.

Doutor em Direito e Filosofia, Franco Montoro foi autor de várias obras, destacando-se: “Introdução à Ciência do Direito” (em 24ª edição, 1997), “Estudos da Filosofia do Direito” (2ª ed., 1995), “Os princípios fundamentais do método no Direito” (1942), “Condição jurídica do nascituro no Direito brasileiro” (1953), “Três temas sobre a propriedade” (1945), “Da democracia que temos para a democracia que queremos” (1974), “A luta pelas eleições diretas” (1978), “Salário família, promoção humana do trabalhador” (1963), “ABC dos direitos do trabalhador” (1968), “Ideologias em luta” (1966), “Alternativa comunitária, um caminho para o Brasil” (1982), “Leis e projetos de inspiração comunitária”



(1982), “Participação: desenvolvimento com democracia” (1991), “Integração econômica, social e política da América Latina” (1958), “Con los pobres de América”, em colaboração com Eduardo Frei, Rafael Caldera, Radomiro Tomic e Cornejo Chaves (1962), “Hay que reinventar la democracia”, em colaboração com Herrera Campins, Etienne Borne, Eduardo Fernandes e outros (1976), “Perspectivas de integração da América Latina” (1992). Publicou, além disso, estudos e conferên-

cias em revistas especializadas e um sem número de artigos de imprensa sobre temas sociais.

Além de exercer funções de relevância na vida pública brasileira (veja no verso), foi membro da Junta Diretiva do Instituto de Estudos Sociais da Organização Internacional do Trabalho (OIT, Genebra), de 1987 a 1990, ocupava a presidência do Conselho Consultivo do Parlamento Latino-americano e era presidente de honra do Ilam (Instituto Latino-americano). Representou o Brasil em congressos e conferências internacionais. Foram de sua iniciativa eventos nacionais e continentais de significação histórica, em defesa da democracia, da

integração latino-americana e da justiça social. Em novembro de 1997 foi eleito membro do Conselho da República.

Sua figura foi assim descrita pelo senador Radomiro Tomic ao saudá-lo, em Santiago, em nome dos democratas chilenos: “Para que uma nação progrida, ela precisa ter homens que sonhem, homens que pensem e homens que realizem. Na pessoa de Montoro, essas qualidades se somam. Seu exemplo, sua pregação e sua obra mostram o homem público que sonha, pensa e realiza”.

“O dia-a-dia de trabalho com o dr. André fez minha admiração crescer sem cessar. Seu compromisso com a democracia e com a ética iam ao âmago do seu ser e estavam presentes nos menores atos e gestos de governo. Montoro estava 50 anos à frente de seu tempo, no trato sério da coisa pública e no respeito aos processos democráticos de participação e decisão. Sem dúvida, aqueles quatro anos de governo foram um marco importante do processo civilizatório na política nacional.”

(Paulo Renato Souza, ministro da Educação, foi secretário da Educação e reitor da Unicamp no governo Montoro)

“Na Reitoria da Unicamp e como seu secretário de Educação, sempre tive de Montoro amplo apoio e liberdade de atuar. Passei a conhecê-lo e admirá-lo. Ele carregava uma pureza de idéias que frustraram-se nos seus últimos anos. Em inúmeros diálogos, nos quatro anos que atuamos juntos como deputados federais, pude ouvir suas críticas ao neoliberalismo mal conduzido que faliu o país e roubou o pouco de cidadania que o povo brasileiro havia conquistado, inclusive com a sua ajuda.”

(José Aristodemo Pinotti, secretário da Educação e reitor da Unicamp durante o governo Montoro)

“Franco Montoro representa o exemplo de homem público que, infelizmente, torna-se cada vez mais raro em nosso país. Para ele o compromisso com a ética, a democracia, a participação e a descentralização que pudemos vivenciar na Secretaria da Agricultura não era retórico; concretizava-se através de uma ação lúcida, coerente, incansável e de respeito à coisa pública e ao próximo. Foi um cidadão no verdadeiro sentido da palavra que merece a reverência e a admiração de todos.”

Luís Carlos Guedes Pinto, pró-reitor de Desenvolvimento Universitário da Unicamp, foi secretário da Agricultura no governo Montoro

“Montoro era o homem público mais entusiasmado que conheci, capaz de dedicar o mesmo esforço de persuasão a uma grande multidão e a um pequeno grupo de militantes. Contrariando uma lei da política, entrou na vida pública bem moço e deixou-a ontem de madrugada, cinco ou seis décadas depois, mais idealista, lúcido e otimista sobre o futuro. Pertencia àquele grupo de pessoas que, sabendo que vão morrer amanhã, são capazes de dedicar-se, na véspera, a plantar um carvalho.”

(José Serra, ministro da Saúde, foi secretário de Planejamento do governo Montoro e professor da Unicamp)